



Gabriella Gonçalves Mendes da Silva
Ábia Lima de França
Lais Cristina Barbosa Silva
Vitor Hugo Marani

Recebido: 06 Mai 2024

Revisado: 11 Jul 2024

Aceito: 22 Jul 2024

Publicado: 15 Ago 2024

Estudos culturais físicos e abordagens metodológicas: descrições a partir da obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies

Resumo

O presente artigo teve objetivo geral investigar as principais abordagens teórico-metodológicas relacionadas ao estudo do corpo presentes nos Estudos Culturais Físicos (ECF) a fim de (re)conhecer como tais metodologias podem contribuir para pensar a educação física brasileira. Atentou-se ao estudo do campo intitulado Physical Cultural Studies; à identificação dos aportes teórico-metodológicos que o integram; à problematização de como tais aportes contribuem para a construção de pesquisas que tenham o corpo como objetivo investigativo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, a partir da análise da oitava seção da obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, que se dedica à discussão de abordagens teórico-metodológicas no interior dos ECF. Concluímos, com base na descrição dos estudos, que tais abordagens acenam para possibilidade metodológica de (re)pensar o corpo como elemento do processo investigativo a partir de inúmeras metodologias que o insiram nessa agenda, a exemplo de pesquisas etnográficas, autoetnográficas, narrativas, análises discursivas, mídia digital, entre outros.

Palavras-chave: Estudos Culturais Físicos; Educação Física; Metodologia.

Physical cultural studies and methodological approaches: descriptions from the Routledge Handbook of Physical Cultural Studies

Abstract

The present article aimed to investigate the main theoretical-methodological approaches related to the study of the body within Physical Cultural Studies (PCS) in order to (re)consider how such methodologies can contribute to thinking about Brazilian physical education. Attention was given to the study of the field titled Physical Cultural Studies; the identification of the theoretical-methodological contributions that integrate it; and the problematization of how these contributions aid in constructing research that focuses on the body as an investigative objective. This is a bibliographic research of a qualitative nature, based on the analysis of the eighth section of the Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, which is dedicated to the discussion of theoretical-methodological approaches within PCS. We conclude, based on the description of the studies, that such approaches signal the methodological possibility of (re)thinking the body as an element of the investigative process through numerous methodologies that insert it into this agenda, such as ethnographic, autoethnographic, narrative, discursive analyses, digital media, among others.

Keywords: body; physical education; methodology.

Introdução

Os Estudos Culturais Físicos (ECF), - tradução de *Physical Cultural Studies* (PCS) - emergem como campo de estudos desdobrado, inicialmente, pela abordagem dos Estudos Culturais – parte, segundo Silk e Andrews (2011), do pressuposto que as diversas formas culturais físicas só podem ser apropriadas intelectualmente quando pensadas pelo viés de seu envolvimento com, e no interior das relações de poder que se constroem junto às complexas teias sociais, econômicas, políticas e tecnológicas (Silk & Andrews, 2011). Tal campo de estudos, inicialmente, surge a partir de teóricos norte-americanos e britânicos que visualizam certa “crise” no interior da Cinesiologia e no próprio campo da Sociologia do Esporte, o que contribuiu para se pensar questões para além da área esportiva em si. Dessas problemáticas, houve o desenvolvimento de pesquisas que, conforme Andrews (2008), centraram-se em análises culturais críticas do corpo, colocando-o na vanguarda da agenda intelectual desses países.

Para Andrews e Silk (2011), a nomenclatura – *Physical Cultural Studies* – não designa “uma formação intelectual estabelecida, comumente aceita ou mesmo amplamente reconhecida” (2011, p. 1, tradução nossa). Ao invés disso, tais autores percebem os ECF como título para englobar uma dada comunidade de pesquisadores/as, devidamente constituída e localizada (intelectualmente e espacialmente) que emerge, a partir de estudos diversificados, em meio ao compromisso comum de investigação de expressões variadas da fisicalidade ativa (*active physicality*). Andrews e Silk (2011) explicam que, embora pesquisadores/as que estejam inseridos/as nos ECF sejam rotineiramente intitulados/as de sociologistas do esporte, suas investigações, evidentemente, não estão restritas a uma compreensão limitada e exclusiva de esporte, dado o foco empírico de seus projetos, nem comprometidos exclusivamente às obrigações teóricas e metodológicas da Sociologia em sua configuração disciplinar superordenada.

A palpável migração intelectual do esporte à cultura física realizada por vários/as pesquisadores/as dos ECF, segundo Andrews e Silk (2011), representa, em vias embrionárias, tendências interrelacionadas de mobilização de objetos e modos de pesquisas alternativas. Fato provocado pelos “paroquialismos restritivos e desestabilizadores de alguns ramos da sociologia do esporte, para os quais o esporte (no sentido estreito do termo) era o ser e o fim de tudo” (Andrews & Silk, 2011, p. 2, tradução nossa). De maneira diferente, as raízes dos ECF, segundo os autores, residem nas pesquisas sobre exercício, recreação, movimento, saúde, dança e outros correlatos que foram postos na periferia – ao menos na periferia empírica – da comunidade da sociologia do esporte.

Dessa forma, a *physical culture*, desonerada das bagagens e expectativas subdisciplinares da sociologia do esporte, “atraiu maior atenção daqueles que navegavam no turno cultural dentro da sociologia dos anos de 1980 em diante” (Andrews & Silk, 2011, p. 2, tradução nossa). Naquele instante, “as estruturas, práticas, representações e experiências da fisicalidade ativa, certamente, demonstraram as extensões de campos emergentes para a sociologia do corpo/sociologia *embodied*, estudos do corpo e para pesquisadores/as de diversas constituições intelectuais, nas quais o corpo se tornou objeto inescapável (Estudos de Gênero, Estudos Queer, Estudos Étnico-raciais, Estudos de Mídia e Estudos Urbanos)” (Andrews & Silk, 2011, p. 2, tradução nossa). A partir dessa constatação, Andrews e Silk (2011) consideram o *physical culturalization*, o processo de tornar-se antenado à cultura física como campo investigativo, como “fenômeno ocorrido tanto na Sociologia do Esporte, quanto para além dela” (Andrews & Silk, 2011, p. 2, tradução nossa).

Nesse sentido, os ECF podem ser compreendidos como um projeto intelectual transdisciplinar autorreflexivo e dinâmico, que tem raízes em formas qualitativas e críticas de investigação (Marani; Sá; Lara, 2021). Os ECF são “um esforço intelectual crítico comprometido com a realização de uma mudança social progressiva, por meio da geração e disseminação de conhecimentos relacionados à cultura física”, englobando a cultura, o corpo e as relações de poder (Marani *et al.*, 2021, p.7). No campo científico, a centralidade do corpo nos ECF foram enfatizadas nos estudos de Hargreaves e Vertinsky (2007), Giardina e Newmann (2011), Pereira Filho, Irber e Marani (2023), Sandoli e Marani (2024), Irber, França e Marani (2024), França, Nascimento e Marani (2024), dentre outros.

Os ECF ampliarão nossa percepção para a necessidade e realização de pesquisas mais humanizadas e críticas no âmbito da produção do conhecimento. A cultura física é constituída de práticas corporais institucionalizadas, tais quais podemos destacar: o fitness, as danças, as lutas, a recreação, os exercícios físicos voltados ao condicionamento e a saúde (Sá; Marques; Lara, 2023). Essas práticas são atravessadas e constituídas pelas relações de poder – e das formas como ela se manifesta –, de classe social, gênero, etnias, padrões estéticos do corpo, e como os “corpos” são formados, experimentados e representados em relação a essas manifestações (Silk & Andrews, 2011); e como as subjetividades precisam ser analisadas para se entender as disseminações do “corpo” contribuíram para o meu processo de formação como docente.

Nessa perspectiva, o nosso intuito é investigar as principais abordagens teórico-metodológicas presentes nos Estudos Culturais Físicos e, com isso, (re)conhecer como tais metodologias podem contribuir o estudo do corpo no campo da Educação Física. Para tanto, a pesquisa concentra-se nos textos produzidos junto à obra *Routledge Handbook of Physical Cultural*

Studies (Silk; Andrews; Thorpe, 2017). Esse recorte ocorre devido à importância da referida obra no campo da Sociologia do Esporte e Cinesiologia, conforme relatado por Lara et al. (2019).

Métodos

Como metodologia, optamos pela pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, a partir da produção de conhecimento vinculada à obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe, no ano de 2017, em especial, a análise da oitava seção do referido livro, “Methodological contingencies”, o qual se dedica à discussão de abordagens teórico-metodológicas (Silk; Andrews; Thorpe, 2017). Justificamos a escolha, por parte da obra, por conta da relação dos textos com o nosso foco de estudo no projeto institucional intitulado “NOME OMITIDO”, coordenado NOME OMITIDO, que tinha por objetivo investigar a teoria Physical Cultural Studies (PCS) a partir de suas dimensões epistêmicas e metodológicas a fim de estabelecer categorias que possam orientar reflexões junto à área da educação física brasileira.

Vale destacar que o *Handbook* é composto por 58 capítulos que estão distribuídos em nove seções, escritos por 89 pesquisadores/as de diferentes países, com total de 610 páginas em língua inglesa (Lara & Rich, 2017). Na oitava seção do livro, estão dispostos oito capítulos escritos por diferentes autores/as que se debruçaram sobre as perspectivas teórico-metodológicas no interior dos ECF. Dentre os textos que compõem o arcabouço investigativo desta pesquisa estão: *Critical discourse analysis* de autoria de Bruce, Rankine e Nairn (2017); *Text/representation* de Cooky (2017); *Ethnographic approaches*, escrito por King-White (2017); *People in contexts* de autoria de Barker-Ruchti e Schubring (2017); *Narrative inquiry and autoethnography* de Smith (2017); *Poetry, poiesis and physical culture*, escrito por Fitzpatrick (2017); *Sensory, digital and visual methodologies* de autoria de Pink, Fors e Berg (2017); e, por fim, *Digital media methodologies*, escrito por Mackay (2017).

A partir do recorte bibliográfico, os capítulos elencados foram lidos, fichados e interpretados com o propósito de fomentar novas perspectivas teórico-metodológicas que possam orientar estudos sobre o corpo na Educação Física brasileira. Com a análise dos oito textos, foi possível elaborar dois tópicos de discussão: I) Aproximações teóricas entre as abordagens metodológicas e o *Physical Cultural Studies* e II) Abordagens metodológicas no interior dos estudos de corpo e *Physical Cultural Studies*.

Estudos Culturais Físicos: desenhos iniciais de uma abordagem emergente

Os Estudos Culturais Físicos realizam a análise das diversas formas da cultura física e das relações de poder, que se deflagram na divisão hierárquica da sociedade, ordenando-a a partir de linhas de diferenciação que estabelecem nas dimensões de classe, étnicas, raciais, de gênero, geracional, nacional, sexuais, entre outras. É, em meio a essas dimensões, que Silk e Andrews (2011) visualizam a organização do corpo e suas maneiras de representação e subjetivação, as quais se materializam à medida que essas relações de poder são impostas, experimentadas e, por vezes, contestadas. Nesse ponto, é possível compreender as complexidades, as experiências e as injustiças nas quais a cultura física confronta-se, geradas na particularidade das operações de poder e seus efeitos, o que Silk e Andrews (2011) denominam de “radicalização do físico”, ou seja, (re)conhecer as forças, os processos e os discursos que configuram o corpo ativo e como este se expressa nas mais variadas expressões da cultura física.

Dito de outra forma, os ECF se estruturam como um projeto “teórico e empírico baseado no entendimento das várias instituições, práticas e subjetividades por intermédio das quais os corpos fisicamente ativos são organizados, regulamentados e consumidos a serviço de forças particulares de poder” (Silk & Andrews, 2011, p. 10). Nota-se, a partir dessa perspectiva, uma abordagem fundamentada na progressiva mudança social, como maneira de recorrer a conhecimentos que sejam capazes de intervir em espaços sociais amplos com o intuito de fazer a diferença por meio do desenvolvimento e aplicações de teorias críticas sobre a cultura física (Silk & Andrews, 2011). Para Silk e Andrews (2011), o projeto dos ECF pressupõe a análise de expressões da fisicalidade ativa, baseadas no entendimento e na abordagem de práticas corporais, subjetividades e discursos por meio dos quais cada corpo ativo torna-se representado, organizado e experimentado em meio às operações de poder social.

Constrói-se, conforme explicam Silk e Andrews (2011), a partir do questionamento e da interpretação do termo Sociologia do Esporte, comumente, disseminado na produção do conhecimento britânica e norte-americana como marco genérico para alocar diferentes dimensões da fisicalidade. Tem-se, dessa forma, a crítica à generalização epistêmica das expressões do corpo ativo ao fenômeno esportivo, o que, na compreensão dos/as pesquisadores/as, geram riscos de visualização, interpretação e análise sobre as diferentes dimensões da cultura física. Para os autores, o termo esporte é um substantivo vago e impreciso que não consegue captar a amplitude empírica do trabalho no âmbito da Sociologia do Esporte.

Ao posicionar-se de maneira crítica sobre o uso do termo esporte como descritor da área, Andrews (2008) enfatiza o fato de que o “esporte deve ser considerado um dos muitos elementos que constituem o interior do domínio mais amplo da cultura física” (p. 50, tradução nossa). Dentro desse domínio amplo, construído a partir de teorias e método culturais, somado à expansão empírica dos/as pesquisadores/as, estão as áreas do fitness, da dança, do exercício, do movimento, da saúde, bem como do esporte que, numa perspectiva de cultura física, o inclui, mas não se restringe a ele (Andrews, 2008).

A migração teórico, metodológica e empírica do esporte para a cultura física, segundo Andrews (2008), estabelece-se em meio a inúmeros motivos, dentre os quais o pesquisador inglês destaca a “virada cultural” da sociologia, ocorrida a partir da década de 1980, na qual a sociologia do corpo/da incorporação torna-se um componente ainda mais importante do projeto sociológico. Silk e Andrews (2011) tratam da (re)descoberta do corpo na sociologia e, em especial, na Sociologia do Esporte, o que contribuiu para a proliferação de investigações, conferências e publicações que se centraram em análises culturais críticas do “corpóreo localizado no corpo”, colocando-o na vanguarda da agenda intelectual (Andrews, 2008).

Nesse contexto, tratar sobre o corpo como objeto de estudo, para Andrews (2008), pareceu inevitável àqueles que estavam inseridos no campo de conhecimento da sociologia do esporte, o que fez com que essa área “quebrasse gradativamente sua preocupação voltada ao esporte e ampliasse seu foco empírico para incluir uma ampla gama de formas culturais físicas” (p. 52, tradução nossa). Essa gama é formada pelas várias dimensões do físico, interconectadas de maneira a formar uma diversa e complexa “esfera cultural por meio da qual as subjetividades, os significados e as experiências pessoais tornam-se dialeticamente ligadas e negociadas através de contingências sociais, políticas, econômicas e tecnológicas” (p. 52, tradução nossa).

Durante o estudo realizado nesta oitava parte do livro, houve a possibilidade de compreensão de algumas das metodologias utilizadas nos ECF. Dentre todas, as abordagens etnográficas e autoetnográficas foram as que mais deslocaram nossa subjetividade investigativa. A primeira trata do/a pesquisador/a que atua observando, compreendendo, realizando perguntas, analisando e interpretando o objeto de estudo, no contexto em que a pesquisa ocorre, como uma pesquisa de campo; aqui, cabe pesquisas relacionadas à subculturas marginalizadas, subculturas privilegiadas e intermediárias (King-Withe, 2017). De forma próxima, a abordagem autoetnográfica é uma forma de pesquisa qualitativa que os/as pesquisadores/as utilizam “suas próprias experiências vividas e interações com os outros dentro de contextos sociais, relacionando o pessoal ao cultural no processo e produto” (Smith, 2017, p. 506, tradução nossa).

Ao lado da leitura aprofundada dos capítulos da oitava seção do *handbook*, que trata dos aspectos metodológicos no interior do ECF, foi feita a incursão em outros capítulos como a introdução da referida obra. Nesta, tivemos o acesso às tentativas de definição dos ECF, que se encontra em constante mudança e desenvolvimento, além de seu histórico, suas atuações e intervenções, bem como os elementos principais que o compõe, os motivos pelo qual essa “sensibilidade” se faz presente, trazendo os enfrentamentos necessários para a consolidação desse campo de estudo.

Vale salientar que os ECF são constituídos por oito dimensões, tais quais: teórica, pedagógica, política, empírica, contextual, transdisciplinar, autorreflexiva e qualitativa (Sá; Marques, Lara, 2023). O caráter teórico, pedagógico, político e ético dos ECF (Silk; Andrews; Thorpe, 2017), contribui para que, durante o nosso contato com as pessoas, dentro ou fora do ambiente escolar, consigamos nos atentar aos corpos – em seus discursos e representações sociais – em meio às formas padronizadas, marginalizadas e injustiçadas. Nessa perspectiva, buscamos intervir nos projetos (de ensino, pesquisa e extensão), para que os corpos fossem respeitados e valorizados – em suas diferenças – nas variadas formas de manifestações na educação física e para além dela. Essas ações nos auxiliam a desmascarar a compreensão e reprodução de que os corpos são apenas biológicos (Francombe-Webb; Silk; Bush, 2017).

A abordagem dos ECF ajuda a compreender, e também pode ser utilizada de forma complementar, direcionando ao processo de formação acadêmica no curso de Educação Física. Os elementos principais que o compõe (o caráter empírico, contextual, transdisciplinar, teórico, político, autorreflexivo, qualitativo e pedagógico) sugerem a pluralidade de mecanismos que possam orientar práticas engajadas para a compreensão do corpo de maneira holística na educação física, nos atentando para as diversidades culturais, as diferenças sociais e étnico-raciais, o que faz parte da caracterização dos ECF como uma “sensibilidade fluida e diversa” (Silk & Andrews, 2011, p. 6).

Dessa forma, devemos sempre trabalhar com a transdisciplinariedade entre os conteúdos e as práticas curriculares; estar sempre em análise a partir dos contextos existentes; utilizar de metodologias que reforcem a necessidade das teorias, assim como de cunho político, a fim de compreender as influências das relações de poder, a maneira como os marcadores sociais influenciam nas subjetividades dos sujeitos. Nesse sentido, é importante provocar reflexões que possam despertar o anseio por mudanças na sociedade como um todo, assim como dentro das nossas salas de aulas no âmbito universitário, problematizando essas questões e analisando como elas nos afetam e são afetadas, buscando consequentemente realizar intervenções em nossa

sociedade. Para Francombe-Webb, Silk e Bush (2017) devemos tornar a sala de aula, um espaço onde conecte a subjetividade, a cultura e a política, envolvendo o afeto nessas práticas e ações pedagógicas.

Das abordagens metodológicas nos Estudos Culturais Físicos: olhares que atravessam a obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*

Este tópico visa discutir as metodologias presentes no “*Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*” destacando a importância de técnicas como a Análise Crítica do Discurso, abordagens visuais e sensoriais, autoetnografia e as implicações das mídias digitais nos Estudos Culturais Físicos. Cada capítulo do livro ilumina modos particulares como pesquisadores podem capturar e interpretar as experiências culturais em contextos que são simultaneamente globais e locais, evidenciando os desafios e as potencialidades dessas metodologias no entendimento de como os corpos são organizados, disciplinados, representados e vivenciados (Silk; Andrews; Thorpe, 2017). Ao analisar esses métodos, o texto busca não apenas descrever como eles são aplicados, mas também refletir sobre como eles permitem compreensões das dinâmicas de poder que moldam a cultura física e as possibilidades para pensar os estudos socioculturais do corpo na educação física.

O capítulo "Critical Discourse Analysis" de Toni Bruce, Jenny Rankine e Raymond Nairn aborda a análise crítica do discurso (ACD) e a análise textual (AT) como métodos interdisciplinares voltados para estudos críticos em cultura física e relações de poder, com um enfoque particular em questões de justiça social. Estes métodos são influenciados por teorias marxistas e pós-estruturalistas e aplicam-se ao estudo de representações midiáticas, especialmente no contexto esportivo. O capítulo destaca que a ACD explora a relação entre linguagem e poder, investigando como os discursos produzem e reforçam relações de poder. Os autores utilizam exemplos de estudos de mídia para mostrar como a ACD pode revelar representações de grupos marginalizados. A AT, por outro lado, concentra-se menos na análise linguística e mais em entender as práticas de significação e as consequências dos textos dentro de contextos culturais específicos. Este método é exemplificado pelo trabalho de Toni Bruce sobre a representação das mulheres no esporte, mostrando como elementos de identidade como gênero, etnia e nacionalidade são enfatizados nos discursos esportivos. Ambos os métodos, conforme explicam Bruce, Rankine e Nairn (2017), compartilham um compromisso com a transformação social e a emancipação política, enfatizando a importância de intervir no espaço público e educar a comunidade para reconhecer e desafiar discursos dominantes.

Em síntese, ambas oferecem contribuições significativas para os estudos socioculturais do corpo na educação física brasileira, considerando a rica interseção entre linguagem, poder e ideologia nas práticas culturais e educacionais. Em resumo, a Análise Crítica do Discurso fornece ferramentas valiosas para os estudiosos da educação física no Brasil ao destacar a importância das linguagens e práticas discursivas na formação de percepções sociais e na configuração de relações de poder dentro e através do corpo. Ao fazê-lo, ela impulsiona um campo mais crítico, consciente e comprometido com a transformação social.

O capítulo "Text/Representation" de Cheryl Cooky, é uma análise sobre como os textos e representações na mídia interagem com e refletem concepções culturais de gênero, raça e classe, especialmente no contexto dos esportes. Cooky (2017) explora as intersecções entre estudos feministas, estudos culturais e mídia, focando em como os atletas, particularmente mulheres e minorias, são representados nas mídias mainstream nos Estados Unidos. A autora identifica e discute três principais níveis de análise em estudos de mídia esportiva: produção, conteúdo e recepção. Ela detalha como as decisões de produção afetam quais representações de esporte são circuladas, como os conteúdos são moldados por e reforçam ideologias sociais, e como os públicos interpretam essas representações.

A autora utiliza teorias feministas e culturais para analisar a representação das atletas femininas, demonstrando como essas representações muitas vezes silenciam, trivializam ou sexualizam as mulheres, perpetuando estereótipos de gênero e minimizando suas realizações esportivas. Além disso, Cooky (2017) aborda como as representações de atletas são racializadas, com atletas brancas sendo frequentemente apresentadas de maneira diferente das atletas negras ou de outras minorias. A pesquisadora também discute o conceito de hegemonia de Gramsci para explicar como a mídia pode perpetuar a ordem social existente através de consentimento e coerção, onde as ideologias dominantes são aceitas por grupos subordinados. Ela utiliza os conceitos de 'imagens controladoras' de Patricia Hill Collins para descrever como certas imagens na mídia servem para reforçar estereótipos sobre grupos marginalizados.

Este capítulo oferece uma crítica sobre como os textos e representações na mídia não apenas refletem, mas também moldam, as identidades sociais e as desigualdades, particularmente no esporte (Cooky, 2017). Ele destaca a importância de abordar essas representações com uma consciência crítica dos contextos sociopolíticos e culturais em que são produzidos e recebidos. Cooky argumenta que uma compreensão mais profunda dessas dinâmicas é crucial para desafiar e mudar as narrativas dominantes que circulam na mídia esportiva. No contexto da educação física brasileira, tal abordagem metodológica poderia contribuir para à análise crítica das representações

midiáticas de atletas e como estas são atravessadas por normas de gênero, raça e classe. Isso seria especialmente relevante em um país onde o esporte tem grande visibilidade e é frequentemente associado a certas identidades e capacidades. Assim, o texto de Cooky (2017) fornece ferramentas para questionar e potencialmente desestabilizar normativas opressivas, contribuindo para uma educação física crítica diante das diversas identidades esportivas no Brasil.

O capítulo de King-White (2017), “*Ethnographic Approaches*” discute a pesquisa etnográfica como uma atividade que envolve a participação na vida de pessoas, porém, tem se transformado nos últimos tempos, dadas as novas tecnologias presentes na sociedade, alterando o papel do/a pesquisador/a no ambiente de pesquisa. Um dado importante destacado por King-White (2017) diz respeito às novas demandas relacionadas ao tempo da pesquisa, em especial, quando considerada a dinâmica das universidades neoliberais que, de modo explícito, buscam a produtividade em seus projetos. Tal produtividade não condiz com o tempo investido em etnografias tradicionais, uma vez que, anteriormente, pesquisadores/as ficaram um longo tempo envolvidos/as com seu objeto de estudo, fato que hoje não ocorre mais com tanta frequência. Por conta disso, o autor relata a dificuldade em se realizar pesquisa etnográfica na atualidade, colocando em cheque as escolhas dos/as pesquisadores/as: quem entrevistar? Com quem falar? Quem acompanhar? Tais decisões, por conta de um ritmo cada vez mais acelerado, acabam causando efeitos dramáticos nos resultados de pesquisa. O “fazer etnográfico”, para King-White (2017), requer análise e interpretação constantes, com o objetivo de fazer com que os fatos façam sentido.

No ambiente de estudo dos/as pesquisadores/as pode conter materiais armazenados da pesquisa, tais quais: anotações, documentos e gravações, para então serem filtrados e interpretados utilizando vários métodos interpretativos como: análise do conteúdo, análise do discurso, transcrição, semiótico, software de computador para analisar o material colhido (King-White, 2017). Vale destacar os princípios etnográficos que são centrais, tais como: acesso que requer do/a pesquisador/a desenvolver relacionamento suficiente com “alguém de dentro” de um grupo cultural para ter acesso, imersão que possibilita o contato com determinado fenômeno cultural por um longo período de tempo, interpretação, após o levantamento das informações a análise e interpretação dos dados colhidos, e a representação, na qual o pesquisador/a compartilha o que aprendeu sobre o pesquisado (King-White, 2017).

Conforme King-White (2017), um/a pesquisador/a dos ECF possui como forte característica a necessidade de expor as relações de desigualdades e injustiças sociais. King-White (2013) observa que na última década esses estudos no interior dos ECF foram quase inexistentes, por conta de problemas de acesso, quantidade de tempo necessário para a produção da pesquisa e a incerteza em

torno dos que estão comprometidos. O/a pesquisador/a situado na abordagem etnográfica tem que possuir habilidades para coletar informações e ter capacidade crítica para argumentar sobre o motivo pelo qual uma determinada subcultura está sendo injustiçada ou oprimida na sociedade. Nesse contexto, King-White (2017) sugere o aumento de pesquisas com esse foco dentro das instituições, podendo auxiliar na propagação de injustiças que discentes, docentes e demais equipes devem lidar, desenvolvendo uma compreensão mais detalhada em ambientes educacionais desvalorizados.

O texto "*People in Contexts*" de Natalie Barker-Ruchti e Astrid Schubring destaca a importância de compreender as pessoas dentro de seus contextos sociais, culturais e políticos, especialmente nas pesquisas dos Estudos Culturais Físicos. Os autores argumentam que a pesquisa é uma atividade social que ocorre em um espaço compartilhado entre pesquisadores e participantes, afetando mutuamente suas vidas e subjetividades. Eles introduzem conceitos como "reunião de pesquisa" e "diálogo de pesquisa", propondo uma abordagem colaborativa e dialógica para a pesquisa que reconhece e utiliza a subjetividade e o contexto como recursos valiosos. Através de exemplos práticos, o texto ilustra como as interações durante a pesquisa podem revelar atravessamentos culturais e influenciar tanto os participantes quanto os pesquisadores.

Neste capítulo, as estudiosas relataram sobre os contextos culturais físicos, em especial, os que estão situados os/as pesquisadores/as e os/as participantes, e como isso pode afetar a pesquisa. Para delinear esse trajeto, foram citados os termos "reunião de pesquisa" e "diálogo de pesquisa", e apresentadas questões que podem auxiliar as práticas de pesquisas. Tanto os/as pesquisadores/as como os/as participantes são moldados de acordo com o contexto em que vivem. Nesse cenário, as histórias de vida dos/as pesquisadores/as influenciam as áreas que estes/as irão ter mais interesse, influenciam os tipos de perguntas que estes irão fazer, e o que pode ser modificado também por conta da classe social, da sexualidade e do gênero (Barker-Ruchti; Schubring, 2017).

Este enfoque em "*People in Contexts*" demonstra-se como relevante para os estudos de corpo na educação física, onde as práticas corporais não podem ser desvinculadas dos contextos sociais e culturais em que ocorrem. Compreender como as subjetividades e os contextos dos participantes impactam as práticas de educação física pode ajudar educadores/as e pesquisadores/as a desenvolver abordagens que respeitem as diferenças culturais e sociais do Brasil. Por exemplo, a abordagem pode auxiliar na criação de programas de educação física que sejam mais adaptados às realidades locais e às necessidades específicas dos estudantes, considerando marcadores sociais de diferença como gênero, classe social e etnia, que são cruciais no contexto brasileiro. A pesquisa colaborativa e reflexiva, conforme proposta por Barker-Ruchti e Schubring (2017), também pode

encorajar uma participação mais ativa dos estudantes e comunidades no processo educacional, promovendo uma educação física que seja verdadeiramente transformadora e alinhada com os princípios de justiça social.

O texto "*Narrative Inquiry and Autoethnography*" de Brett Smith aborda a importância da autoetnografia e da pesquisa narrativa dentro dos Estudos Culturais Físicos. Smith (2017) discute como as histórias e narrativas desempenham um papel fundamental na formação da experiência e identidade humana, argumentando que compreender e utilizar narrativas permite uma análise mais profunda das práticas culturais e sociais. A autoetnografia é destacada como uma metodologia que combina elementos autobiográficos e análise cultural para explorar como experiências pessoais se entrelaçam com contextos sociais mais amplos. O autor sugere que essa abordagem não só ajuda a revelar as complexidades das experiências pessoais em relação à cultura, mas também promove um entendimento mais rico de como os indivíduos interagem com e são moldados por suas culturas físicas.

Destarte, Brett Smith (2017), além de apontar as definições e as vertentes da pesquisa autoetnográfica, destacam os motivos que inspiram os/as pesquisadores/as da cultura física a utilizarem essa metodologia. O primeiro argumento se relaciona a afinidade entre essa metodologia e os ECF, pois ambos defendem ideias comprometedoras com a teoria social e cultural, as quais promovem uma auto reflexividade sobre o corpo do/a pesquisador/a em primeiro plano na pesquisa, oferecendo uma “janela” para serem examinados e compreendidos. Além disso, os dois buscam revelar iniquidades socioculturais, práticas opressivas e injustiças, analisando como estas resistem na sociedade e como são reproduzidas, se atentando ao que pode ser feito para que ocorram mudanças sociais. Nesse sentido, o autor fornece algumas orientações para os/as pesquisadores/as que querem se debruçar mais sobre a autoetnografia e os ECF.

A abordagem apresentada por Smith (2017) pode ser útil para os estudos de corpo na educação física brasileira, especialmente pela capacidade da autoetnografia de iluminar as interseções entre o pessoal e o cultural. No contexto brasileiro, em que a diversidade cultural e social é vasta, compreender como as experiências individuais de corpo são impactadas por e influenciam essas diversidades pode enriquecer as práticas pedagógicas e as políticas públicas em educação física. A utilização da autoetnografia permite produção de reflexões sobre experiências corporais próprias e como essas se relacionam com as estruturas sociais e culturais, promovendo uma pedagogia crítica que considera a corporalidade não apenas como um fenômeno biológico, mas como uma construção cultural que afeta e é afetada pelas relações de poder e identidade no Brasil.

O capítulo "*Poetry, Poiesis and Physical Culture*" de Katie Fitzpatrick (2017) explora como a poesia e o conceito de poiesis podem enriquecer os estudos em cultura física ao oferecer formas alternativas e criativas de expressar e gerar conhecimento sobre o corpo e o movimento. Fitzpatrick (2017) argumenta que, enquanto formas realistas de pesquisa dominam os estudos culturais físicos, a poesia oferece um meio único de capturar e comunicar a experiência corpórea e emocional. Ela discute como a poesia pode desafiar as concepções dominantes e abrir novas possibilidades para entender e representar o corpo e o movimento de maneiras que a prosa acadêmica convencional muitas vezes não consegue. A poiesis, definida por Fitzpatrick (2017) como um processo de criação artística, é usada para examinar como a poesia pode ser empregada não apenas como uma forma de expressão, mas como uma metodologia que permite novas formas de investigação e representação. Por meio de exemplos, Fitzpatrick (2017) ilustra como a poesia pode ser empregada para desafiar percepções tradicionais e oferecer novas maneiras de pensar e sentir sobre o movimento físico, a interação corporal e a expressão pessoal.

A incorporação da poesia nos estudos e práticas de educação física, a partir das contribuições de Fitzpatrick (2017) pode promover uma compreensão multifacetada do corpo, não apenas como uma entidade biológica, mas como um veículo de expressão cultural e emocional, para além de adoções naturalizantes do corpo humano. Além disso, ao explorar a poiesis, educadores e estudiosos podem incentivar os estudantes a explorar e expressar suas experiências corporais de maneiras criativas e inovadoras, facilitando uma conexão com o próprio corpo e com o ambiente cultural mais amplo. Logo, a pesquisa poética ao mesmo tempo que são representativas e metodológicas têm possibilidades ontológicas e epistemológicas, como forma de pesquisa qualitativa oferecem novas formas de investigação e expressão, articulando e desafiando as normas culturais e sociais, por exemplo (Fitzpatrick, 2017).

O capítulo "*Sensory, Digital, and Visual Methodologies*" de Sarah Pink, Vaike Fors e Martin Berg explora métodos de pesquisa inovadores em estudos culturais físicos, com ênfase no uso de tecnologias digitais, visuais e sensoriais para compreender a experiência da atividade física. Os autores argumentam que as atividades físicas cotidianas, como caminhar para o trabalho ou subir escadas, são formas significativas de movimento e devem ser estudadas além dos contextos esportivos tradicionais. Eles discutem o uso de autoetnografias digitais, vídeos digitais e visualizações de dados para capturar as nuances das experiências corporais no mundo material e digital. O estudo de Pink, Fors e Berg (2017) trata dos métodos visuais, digitais e sensoriais que estão cada vez mais presentes em todo o mundo social, principalmente nos estudos das ciências sociais e nas humanidades.

No interior dos ECF estão situados os nexos entre o digital, o sensorial e o material, portanto, emergindo como possibilidades de estudos e teorizações que podem ser visualizadas e experimentadas na produção do conhecimento (Pink; Forgs; Berg, 2017). No contexto da educação física, a utilização de metodologias sensoriais, digitais e visuais, pode enriquecer a compreensão de estudantes sobre como as atividades físicas interagem com o ambiente digital e material, proporcionando uma experiência educativa engajada e relevante, diante da diversidade de ambientes urbanos e rurais, centrais e periféricos, por exemplo. Adotar essas metodologias poderia também estimular conscientização e crítica sobre como as tecnologias pessoais de monitoramento do corpo, como fitbits e aplicativos de saúde impactam a percepção do bem-estar e da atividade física. Esse entendimento poderia levar a práticas mais informadas e reflexivas na educação física, promovendo abordagens holísticas que valorizem tanto o físico quanto o digital da experiência humana.

No capítulo "*Digital Media Methodologies*", Steph MacKay aborda os desafios e métodos de pesquisa no contexto das mídias digitais ao discutir como a evolução digital transformou a maneira como a cultura física é produzida, consumida e vivenciada, salientando a importância de compreender essas mudanças para os pesquisadores da área. MacKay (2017) explora a interatividade das mídias digitais, que permite aos participantes da cultura física criar e sustentar comunidades, além de participar de movimentos sociais e outras atividades que podem transcender fronteiras geográficas e culturais. A autora destaca a necessidade de um método de pesquisa adaptado que contemple as especificidades do ambiente digital, como a falta de linearidade e a intertextualidade dos textos digitais. Ela ressalta os desafios éticos particulares apresentados pela pesquisa em mídias digitais, tais como as mudanças nas noções de privacidade e os problemas em definir os limites entre o público e o privado.

Considerações finais

O objetivo do nosso artigo foi investigar as principais abordagens teórico-metodológicas relacionadas ao estudo do corpo presentes no *Physical Cultural Studies* e, com isso, (re)conhecer como tais metodologias podem contribuir no campo da Educação Física brasileira, a partir da análise da oitava seção, que se dedica às discussões de abordagens teórico-metodológicas, da obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe em 2017.

As reflexões propostas ao longo deste artigo sobre as abordagens teórico-metodológicas descritas na obra "*Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*" destacam a diversidade de

métodos empregados nos ECF para explorar os complexos nexos entre corpo, cultura e sociedade. O reconhecimento de que a cultura física está imbricada em estruturas de poder e representação desafia educadores e pesquisadores a adotarem metodologias que não só questionem as normativas existentes, mas também promovam práticas democráticas com vistas à justiça social. A integração de metodologias como a Análise Crítica do Discurso, estudos visuais e sensoriais, e investigações digitais pode contribuir significativamente para uma prática pedagógica que valoriza as narrativas e as experiências corporais de estudantes, reconhecendo e valorizando suas identidades e contextos culturais.

Diante dos desafios contemporâneos enfrentados pela educação física no Brasil, desde a necessidade de combater as desigualdades sociais até o imperativo de integrar tecnologias digitais de forma ética e efetiva, as abordagens metodológicas discutidas neste artigo oferecem caminhos promissores. Elas equipam os profissionais da área com ferramentas críticas para analisar e transformar a educação física, alinhando-a com princípios de justiça social e reconhecimento de relações de poder. Nessa direção, incentiva-se a continuação da pesquisa e a experimentação prática dessas metodologias nos contextos educacionais brasileiros, visando a uma renovação constante das práticas pedagógicas em educação física que estejam à altura dos desafios do século XXI.

Referências

Andrews, D. L. (2008). Kinesiology's *Inconvenient Truth* and the Physical Cultural Studies Imperative. *Quest*, 60(1), 45–62.

Andrews, D. L., & Silk, M. L. (2011). Physical Cultural Studies: Engendering a Productive Dialogue. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 1-3.

Silk, M. L., & Andrews, D. L. (2011). Toward a Physical Cultural Studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 4-35.

Barker-Ruchti, N., & Schubring, A. (2017). People in contexts. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 495-504). London and New York: Routledge International Handbooks.

Bruce, T., Rankine, J., & Nairn, R. (2017). Critical discourse analysis. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 467-475). London and New York: Routledge International Handbooks.

Cooky, C. (2017). Text/representation. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 476-483). London and New York: Routledge International Handbooks.

Fitzpatrick, K. (2017). Poetry, poiesis and physical culture. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 515-527). London and New York: Routledge International Handbooks.

França, Á. L. de, Nascimento, C. da S., & Marani, V. H. (2024). Corpo, educação e justiça social: diálogos entre Paulo Freire e Estudos Culturais Físicos. *Revista Humanidades & Inovação*, 10(15), 57-68.

Francombe-Webb, J., Silk, M. L., & Bush, A. (2017). Critical corporeal curricula, praxis and change. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 558-567). London and New York: Routledge International Handbooks.

Giardina, M. D., & Newman, J. I. (2011). Physical Cultural Studies and Embodied Research Acts. *Cultural Studies-Critical Methodologies*, (28), 523-534.

Grossberg, L. (1997). Cultural studies, modern logics, and theories of globalisation. In A. McRobbie (Ed.), *Back to reality? Social experience and cultural studies*. Manchester: Manchester University Press.

Hargreaves, J., & Vertinsky, P. (2007). *Physical Culture, Power and the Body*. *Routledge Critical Studies in Sport*. London and New York: Routledge.

Ingham, A. G. (1997). Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In J. Fernandez-Balboa (Ed.), *Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport* (pp. 157-182). Albany: State University of New York Press.

Irber, E. C., França, Á. L. de, & Marani, V. H. (2024). Estudos Culturais Físicos e Feminismo: Relações entre Corpo, Gênero e Justiça Social. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em estudos do Lazer*, 27(1), 244-269.

King-White, R. (2017). Ethnographic approaches. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 484-494). London and New York: Routledge International Handbooks.

Lara, L. M., & Rich, E. (2017). Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 23(4), 1311-1324.

Mackay, S. (2017). Digital media methodologies. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 537-545). London and New York: Routledge International Handbooks.

Marani, V. H., Silva, G. G. M., Irber, E., & Araújo, P. F. B. (2021). Gênero, sexualidade e raça nos Estudos Culturais Físicos: experiências formativas na educação física brasileira. *Humanidades & Inovação*, 8, 203–217.

Marani, V. H., Sá, A. B. D. S., & Lara, L. M. (2021). Introdução à obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe. *Acta Scientiarum. Education*, 43, e59271, 1-13.

Pereira Filho, V. K. S., Irber, E. C., & Marani, V. H. (2023). Corpo, masculinidades e cultura física: mapeamento inicial de pesquisas nos Estudos Culturais Físicos. *Corpoconsciência*, 27, e15076, 1-18.

Pink, S., Fors, V., & Berg, M. (2017). Sensory, digital and visual methodologies. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 528-536). London and New York: Routledge International Handbooks.

Sá, A. B., da S., Marques, J. P., & Lara, L. M. (2023). Cultura física e embodiment no campo dos Estudos Culturais Físicos. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 20(1), 170-189.

Sandoli, F., & Marani, V. H. (2024). Corpo e Estudos Culturais Físicos: incursões iniciais. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*, Barra do Garças, 15(1), 141–151.

Silk, M. (2002). Bangsa Malaysia: Global sport, the city and the refurbishment of local identities. *Media, Culture and Society*, 24(6), 775–794.

Silk, M., & Andrews, D. L. (2011). Toward a Physical Cultural Studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 4-35.

Silk, M., Andrews, D. L., & Thorpe, H. (Eds.). (2017). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks.

Silk, M., Andrews, D. L., & Thorpe, H. (2017). Introduction. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 1-12). London and New York: Routledge International Handbooks.

Silk, M., Francombe-Webb, J., Rich, E., & Merchant, S. (2015). On the transgressive possibilities of physical pedagogic practices. *Qualitative Inquiry*, 21(9), 798-811.

Smith, B. (2017). Narrative inquiry and autoethnography. In M. Silk, D. L. Andrews, & H. Thorpe (Eds.), *Routledge handbook of Physical Cultural Studies* (pp. 505-514). London and New York: Routledge International Handbooks.